

TECHGNOSIS E A INFORMAÇÃO COMO IMAGEM DE MUNDO

Vanessa Delazeri Mocellin¹

Universidade Federal de Santa Catarina
vanamocellin@gmail.com

Alan Delazeri Mocellim²

Universidade Federal da Bahia
a.mocellim@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa o informacionalismo como imagem de mundo da contemporaneidade a partir da obra *Techgnosis: myth, magic and mysticism in the age of information*, de Erik Davis. Partindo do conceito de techgnosis, sustentamos que a informação deixou de operar apenas como recurso técnico ou linguagem instrumental para assumir um estatuto ontológico central, reorganizando profundamente as formas de compreender o mundo, o sujeito e a tecnologia. Argumentamos que o informacionalismo sucede o mecanicismo enquanto matriz simbólica e epistêmica dominante, sem, contudo, romper com seus pressupostos metafísicos fundamentais, sobretudo o dualismo entre mente e corpo. Além disso, destacamos a persistência de imaginários gnósticos e herméticos nos discursos tecnológicos atuais, agora reconfigurados sob a forma do mito da informação. A análise percorre a relação entre informação, escrita e transcendência, destacando o papel da teoria da informação na consolidação de uma ontologia informacional, na qual mente, corpo e matéria passam a ser concebidos como códigos, fluxos e redes. Por fim, discutimos a emergência da mito-informação e da netafísica como expressões simbólicas dessa nova imagem de mundo, evidenciando como a informação se torna o princípio organizador das experiências culturais, científicas e tecnológicas contemporâneas.

Palavras-chave: techgnosis; informação; imagem de mundo; informacionalismo; gnosticismo tecnológico.

TECHNOLOGY AND INFORMATION AS A WORLDVIEW

Abstract

This article analyzes informationalism as a contemporary worldview based on Erik Davis's *Techgnosis: Myth, Magic and Mysticism in the Age of Information*. Starting from the concept of techgnosis, we argue that information has ceased to function merely as a technical resource or instrumental language and has instead assumed a central ontological status, profoundly reorganizing the ways in which the world, the subject, and technology are understood. We argue that informationalism supersedes mechanicism as the dominant symbolic and epistemic matrix, without, however, breaking with its fundamental metaphysical assumptions, particularly the dualism between mind and body. In addition, we highlight the persistence of gnostic and hermetic imaginaries within contemporary technological discourses, now reconfigured in the form of the myth of information. The analysis explores the relationship between information, writing, and transcendence, emphasizing the role of information theory in the consolidation of an informational ontology, in which mind, body, and matter come to be conceived as codes, flows, and networks. Finally, we discuss the emergence of myth-information and netaphysics as symbolic expressions of this new worldview, showing how information becomes the organizing principle of contemporary cultural, scientific, and technological experiences.

Keywords: techgnosis; information; worldview; informationalism; technological gnosticism.

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atua nas áreas de filosofia contemporânea, filosofia da tecnologia e filosofia da educação.

² Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atua nas áreas de sociologia do conhecimento, sociologia das emoções e epistemologia das ciências humanas.



Esta obra está licenciada sob uma licença

Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0).

LA TECNOLOGÍA Y LA INFORMACIÓN COMO IMAGEN DEL MUNDO

Resumen

Resumen en español. Este artículo analiza el informacionalismo como cosmovisión contemporánea a partir de la obra de Erik Davis, *Techgnosis: myth, magic and mysticism in the age of information*. Partiendo del concepto de techgnosis, argumentamos que la información ha dejado de operar como un mero recurso técnico o lenguaje instrumental, asumiendo un estatus ontológico central y reorganizando profundamente las formas de comprender el mundo, el sujeto y la tecnología. Argumentamos que el informacionalismo reemplaza al mecanicismo como matriz simbólica y epistémica dominante, sin romper, sin embargo, con sus supuestos metafísicos fundamentales, en especial el dualismo entre mente y cuerpo. Además, destacamos la persistencia de los imaginarios gnósticos y herméticos en los discursos tecnológicos actuales, ahora reconfigurados en la forma del mito de la información. El análisis explora la relación entre información, escritura y trascendencia, destacando el papel de la teoría de la información en la consolidación de una ontología informacional, en la que mente, cuerpo y materia se conciben como códigos, flujos y redes. Finalmente, analizamos el surgimiento de la información mítica y la metafísica como expresiones simbólicas de esta nueva cosmovisión, destacando cómo la información se convierte en el principio organizador de las experiencias culturales, científicas y tecnológicas contemporáneas.

Palabras clave: techgnosis; información; cosmovisión; informacionalismo; gnosticismo tecnológico.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentaremos a teoria e teses do teórico da comunicação Erik Davis (1967-) sobre o que ele denomina informacionalismo. Em “*Techgnosis: myth, magic + mysticism in the age of information*” (1998), ele argumenta que o informacionalismo, se tornou a nova imagem do mundo. A partir de Davis, sustentaremos que o informacionalismo tem como base uma ontologia implícita de fundo gnóstico, que reproduz o dualismo metafísico sob expressão tecnológica, ao reconfigurar a compreensão da mente, do corpo e da informação através do seu imaginário.

O conceito de informacionalismo foi originalmente proposto pelo sociólogo Manuel Castells (1942-) em “A sociedade em rede” (1999). Nesta obra, o informacionalismo aparece como um conceito que abrange a criação de redes de informação e a nossa consequente dependência desse fluxo informacional, que é criado por ela. Informacionalismo ali se refere às consequências do capitalismo informacional, mas não se reduz a isso, pois se trata também do modo de vida de uma sociedade globalizada em redes. Nesse sentido, tentaremos mostrar que Davis trabalha com a ideia de que mitos e crenças estão presentes nos discursos sobre a tecnologia, mas que agora esses mitos e crenças foram reconfigurados sob a ótica do informacionalismo. Assim, Davis ao explicar a reconfiguração dos mitos, também expõem que a informação se tornou a nova imagem de mundo, aquela que substituiu o mecanicismo enquanto modelo de compreensão da realidade. O uso extensivo que se faz hoje de metáforas envolvendo redes ou informação para a compreensão de quase todo tipo de fenômeno humano seria expressão dessa nova imagem de mundo.

Cabe esclarecer, no entanto, que a expressão “imagem de mundo” pode ser entendida através de dois termos alemães distintos: “Zeitgeist”, que significa mais precisamente “espírito do tempo”, de modo a expressar exatamente aquela característica da época que se sobressai e determina outras características da cultura; e “Weltanschauung”, que significa “visão de mundo” e expressa a representação do mundo, algo que não se limita à representação da natureza, do cosmos ou da história, mas que é fundamento do mundo, entranhado na cultura que constitui uma época. Este segundo termo foi utilizado por Martin Heidegger no texto “A época das imagens de mundo” (2022), no qual ele argumenta que a ciência e a tecnologia operam como imagens de mundo. É nesse sentido que aqui defendemos que o informacionalismo deve ser compreendido como uma imagem de mundo, ou seja, se antes o mecanismo era expressão e estava entranhado na cultura, agora é a informação que recebe esse papel.

É a partir disso que, nesse artigo, iremos analisar o informacionalismo, tal como formulado por Erik Davis, como uma imagem de mundo que reconfigura mitos antigos sob uma linguagem tecnológica contemporânea, sustentando a tese de que a informação assume hoje um papel ontológico central marcado por heranças gnósticas e herméticas. Inicialmente, discutiremos o conceito de Techgnosis e o mito da informação, situando historicamente a persistência de imaginários místicos nos discursos sobre tecnologia e evidenciando a continuidade entre o mito da máquina e o mito da informação. Em seguida, examinaremos a relação entre informação, escrita e transcendência, mostrando como práticas técnicas e simbólicas, desde a escrita até as teorias modernas da comunicação, contribuíram para a separação entre mente e matéria e para a valorização do aspecto incorpóreo do conhecimento. Na sequência, abordaremos a teoria da informação e a constituição de uma ontologia informacional, destacando como a informação passa a ser concebida como elemento fundamental da realidade, dotado de agência cultural e social. Por fim, argumentaremos que o informacionalismo se consolida como imagem de mundo da contemporaneidade, articulando-se aos mitos da rede, da mito-informação e da netafísica, e produzindo novos modos de pensar a tecnologia, o corpo, a subjetividade e a transcendência. A contribuição de Davis permite compreender não apenas a centralidade da informação nas tecnologias atuais, mas também seu papel decisivo na manutenção e atualização de um imaginário metafísico dualista sob a forma de um gnosticismo tecnológico.

2 TECHGNOSIS E O MITO DA INFORMAÇÃO

Erik Davis (1998) afirma que o surgimento do conceito de informação tem relação direta de influência com o desenvolvimento daquilo que ele vai chamar de “Gnosticismo Tecnológico” ou “Hermetismo”. Expondo o papel da ideia de informação no desenvolvimento das tecnologias contemporâneas, e sobretudo no discurso sobre essas tecnologias, Davis destaca que há a presença de um conjunto de ideias que liga as tecnologias da informação à transcendência, compondo o que ele vai propor que seja interpretado como um conjunto de novos mitos³.

³ Também os autores Andoni Alonso (1966-) e Iñaki Arzoz (1966-) retomam a discussão dos antigos mitos e crenças em sua obra “A nova cidade de Deus” de 2002, na qual tratam do informacionalismo como imagem de mundo contemporânea. Para eles (2002, p.43-44), a cibercultura foi desenvolvida em conjunto com as tecnologias, através da retomada de crenças e mitos do imaginário religioso, mítico, místico e gnóstico. Enquanto para Davis (1998, p. 10-12), as crenças prévias do imaginário se uniram ao conhecimento informacional para formar um novo conjunto de crenças híbridas que corresponde, por exemplo, ao mito da informação. Assim, se em Davis (1998, p. 5-6) os mitos informacionais não tem origem na cibercultura, mas sim na forma como lidamos com a informação,

Em seu livro “*Techgnosis: myth, magic and mysticism in the age of information*”, de 1998, Davis apresenta que o mito da informação é parte fundamental para a produção de uma tecnologia com sentido gnóstico que ultrapasse a exploração da natureza e a produção de bens de consumo como feitas na era industrial, garantindo assim novas possibilidades para a vida humana. Em outras palavras, Davis (1998, p. 5-6) apresenta como o nascimento do informacionalismo - como concepção científica que sucedeu o mecanicismo, com a resultante transformação das nossas relações mediadas pelas tecnologias da informação - tem fomentado no ser humano ideias e crenças sobre a superação das carências advindas do aspecto finito da natureza e de seu corpo, criando um horizonte de possibilidade para a modificação da existência, abrindo caminhos para repensar as possibilidades de transcendência da condição. Os mitos da informação seriam, então, os mitos produzidos em decorrência, em cadeia, como consequências criativas do desenvolvimento das tecnologias da informação e de sua proliferação cotidiana.

Entretanto, vale lembrar que a proposta inicial de Davis é contar “[...] uma história secreta dos impulsos místicos que continuam a acender e sustentar a obsessão do mundo ocidental com a tecnologia, e especialmente com suas tecnologias de comunicação” (Davis, 1998, p. 02, tradução nossa). Seu principal objetivo é desmistificar a tecnologia, ou, pelo menos, contribuir para o debate sobre os mais diversos “fantasmas” que a cercam, afinal, ela comumente aparece como algo que “[...] incorpora uma imagem da alma, ou melhor, uma série de imagens: redentora, demoníaca, mágica, transcendente, hipnótica, viva” (Davis, 1998, p. 09, tradução nossa).

Ao detalhar os percursos históricos em que tecnologia e magia se mantiveram estreitamente relacionadas, Davis percorre tradições como o gnosticismo⁴ e o hermetismo⁵ para

em Alonso e Arzoz (2002, p. 42-43) tanto a cibercultura quanto as tecnologias informacionais são fruto da motivação gerada pela reconfiguração dos antigos mitos em mitos informacionais.

⁴ O gnosticismo pode ser compreendido como uma das expressões mais remotas de uma racionalidade marcada pelo misticismo e pelo pensamento mítico, estando associado à ideia de um saber que ultrapassa o conhecimento estritamente religioso. Sob essa denominação reuniram-se diferentes correntes de caráter mágico-especulativo que coexistiram com o cristianismo nos primeiros séculos de sua formação histórica. Nesse sentido, o gnosticismo “passou a designar toda doutrina admitindo a existência de um conhecimento superior ou de uma explicação global das coisas” (Japiassú, 1996, p.119). Em termos gerais, tais doutrinas resultaram de uma combinação sincrética de elementos provenientes da mitologia grega, do judaísmo antigo, do cristianismo nascente e de variadas tradições pagãs e mágicas.

⁵ A tradição hermética difundiu a noção de um cosmo dotado de vida, no qual a Terra se encontra vinculada de forma quase magnética aos astros e aos corpos dos seres vivos, configurando uma forma de panteísmo de caráter transcendental. O hermetismo exerceu influência significativa tanto no pensamento medieval quanto no renascentista, de tal maneira que, “a concepção renascentista de um universo animista, operado por magia, prepararam o caminho para a concepção de um universo mecânico, operado pela matemática” (Yates, 1966, p.224, tradução nossa). Entre as diversas artes herméticas, a alquimia destaca-se como aquela que mais diretamente antecipou aspectos da futura ciência moderna, sobretudo em razão de sua orientação material e de seu foco nos processos de produção e transformação da matéria.

demonstrar que, nas origens das ciências modernas, práticas mágicas e concepções místicas integravam um mesmo campo de saber, sem a separação rígida que hoje costuma ser pressuposta. Nesse quadro, a cisão promovida pelo Positivismo, ao distinguir radicalmente tecnologia e magia, aparece menos como uma ruptura definitiva e mais como uma exceção dentro de uma história mais ampla, que desemboca, no presente, em formas tecnológicas capazes de produzir seus próprios mitos e de reativar imaginários e discursos de matriz hermética.

Em contraposição à narrativa amplamente difundida segundo a qual a modernidade teria eliminado o ocultismo, o misticismo e as tradições mágicas, substituindo-os por um mundo desencantado regido exclusivamente pela razão científica, pelo progresso material e pelo desenvolvimento econômico, Davis sustenta que essas tradições metafísicas não foram extintas. Elas teriam, antes, sido relegadas a um plano menos visível, tornando-se ocultas ou disfarçadas, mas permanecendo ativas no tecido cultural, psicológico e mitológico da própria modernidade (Davis, 1998, p.2-3).

Assim, Davis (1998, p. 01-04), ao descrever o percurso histórico dos impulsos místicos que sustentam a obsessão pela tecnologia, expõe três argumentos que servem para sustentar que o mito da informação funciona como propulsor dos discursos de transcendência a partir da tecnologia. O primeiro, sobre a dissolução de fronteiras: “As fronteiras se dissolvem, e nós vagamos pelas zonas de ninguém, entre vida sintética e orgânica, entre ambientes reais e virtuais, entre comunidades locais e fluxos globais de bens, informação, trabalho e capital” (Davis, 1998, p. 01, tradução nossa). Tal dissolução sugerida por Davis pode ser compreendida como um direcionamento e desfecho para a influência do dualismo mente-corpo pelo avanço tecnológico contemporâneo. Ou seja, pensar numa dissolução entre as fronteiras do transcendente e do material, da natureza e da cultura, é também pensar o mito da informação como a imagem de mundo que compreende o desejo humano de transcendência através das tecnologias, pois o uso da razão e a transformação da natureza em informação dão ao ser humano a esperança de vencer as suas limitações. Portanto, podemos afirmar que, como imagem de mundo, a introdução do mito da informação, ou o informacionalismo, ajudou principalmente a deixar indefinidas as fronteiras do dualismo anteriormente apresentado, não de modo a resultar em um abandono do dualismo, mas apenas permitindo o desenvolvimento de novas formas de gnosticismo e hermetismo, agora tecnológicos, voltados para a superação do corpo material e a permanência do espírito humano.

O segundo argumento, apresentado por Davis (1998, p. 03), afirma a permanência da herança mística no ocidente, ou seja, afirma que os mais diversos anseios metafísicos e místicos,

e também as visões apocalípticas de origens religiosas, permaneceram presentes no imaginário ocidental. Citando e se opondo diretamente a tese de Noble (1997), para quem a incorporação de temas metafísicos e místicos no discurso sobre tecnologia significa um esvaziamento do sagrado religioso, com uma subsequente sacralização da tecnologia, e se opondo portanto, em consequência, à hipótese weberiana sobre o processo progressivo de desencantamento do mundo, enquanto desmagificação, esvaziamento de sentido do mundo (Pierucci, 2003) e redução da natureza a um mecanismo causal por meio da racionalidade científica e tecnológica (Sell, 2013), Davis afirma que a informação, como componente dos novos mitos, estimula um imaginário místico e mágico, de modo que não haveria um esvaziamento, mas uma multiplicação de sentidos míticos. Nas palavras do autor, os mais diversos anseios metafísicos e míticos não desapareceram por completo, mas “[...] em muitos casos, eles se disfarçaram e se esconderam, penetrando nas motivações culturais, psicológicas e mitológicas que formam as bases do mundo moderno”(Davis, 1998, p. 03, tradução nossa).

Por fim, temos o terceiro argumento, no qual Davis (1998, p. 03-04) faz um paralelo entre o conceito de “mito da máquina” desenvolvido por Lewis Mumford (1895-1990) e o conceito de “mito da informação” proposto por ele mesmo. Davis afirma (1998, p. 03) que o conceito de “mito da máquina” de Mumford (2006) foi concebido para explicar o desenvolvimento industrial, e apresenta como pilares a extração e exploração de recursos naturais, a mecanização do trabalho na linha de montagem industrial e a burocratização do comando e controle de grandes instituições. Ademais, ele também destaca a importância dos valores intrínsecos de controle, desenvolvimento e eficiência, a autoridade das elites técnicas e científicas, além da propulsão que o mito da máquina obteve através dos mitos cristãos. “Como muitos historiadores e sociólogos reconheceram, essa imagem secular foi moldada o tempo todo pelos mitos cristãos: o chamado bíblico para conquistar a natureza, a ética protestante do trabalho e, em particular, a visão milenarista de uma Nova Jerusalém” (Davis, 1998, p. 03, tradução nossa).

Já o “mito da informação” de Davis (1998, p. 03) foi concebido para explicar os discursos neognósticos sobre a tecnologia e também as próprias tecnologias de informação e comunicação que moldam e condicionam aspectos da experiência mística humana na atualidade, como é o caso “[...] de mentes elétricas e bancos de dados ilimitados, previsões de computador e bibliotecas de hipertexto, sonhos de mídia imersiva e uma cultura de blip planetária entrelaçada com redes globais de telecomunicações” (Davis, 1998, p. 03, tradução nossa). Para ele (1998, p. 06), apesar das tecnologias de informação serem menos mecanizadas, elas fazem parte do mesmo fenômeno tecnológico, pois surgiram da megamáquina industrial.

Nas palavras de Davis: “Certamente esse mito ainda está no topo do mesmo gigante mecânico que saiu dos pântanos frios da Europa e conquistou o globo” (Davis, 1998, p. 03, tradução nossa).

Nesse sentido, ao considerar que o mito da informação é continuação do mito da máquina - o informacionalismo é continuação do mecanicismo - e, ao compreender que esse mito da máquina era entendido como imagem de mundo na modernidade, podemos afirmar que, para Davis (1998, p. 98), a imagem de mundo da contemporaneidade passou a ser a informação. E também, por isso, Davis nos traz a tese de que os discursos sobre as tecnologias da informação compartilham alguns valores cristãos, gnósticos e religiosos que serviram de inspiração para as tecnologias industriais. Isso vale principalmente para o repúdio ao natural e a valorização da transcendência corporal do ser humano, tão presentes no gnosticismo antigo e no tecnológico, inaugurado com a modernidade.

Vale considerar aqui que as teses de Davis se assemelham em alguns aspectos as de Sibilia (2002, p. 82), pois ambos fazem menção à passagem do mito da máquina para o mito da informação. Onde, no mito da máquina, tínhamos o homem-máquina que “[...] se apoiava no arsenal da tecnociência prometética” (Sibilia, 2002, p. 82), agora, no mito da informação, temos um homem-informação que, apesar de parecer se apoiar num materialismo exacerbado, na realidade, transforma essa matéria - o corpo humano - em pura informação (DNA), superando a fronteira imposta pelo dualismo cartesiano. Segundo a autora, aqui nos deparamos com o acontecimento do século XX: a superação da matéria. É essa superação que faz com que Sibilia (2002, p. 85) possa apresentar a noção de informação como algo que não é matéria ou energia, mas algo que está se difundindo em detrimento destas, as superando.

A tríade de argumentos de Davis nos mostra como o mito da informação, em conjunto com a esperança utópica de indefinir as fronteiras do dualismo mente-corpo e a herança mística presente no imaginário ocidental, colaboraram para a propagação de ideia de transcendência da condição humana como sentido para a tecnologia, recuperando assim crenças do antigo gnosticismo. E, principalmente, nos leva a questionar qual é essa relação da informação – como tecnologia decorrente do mesmo fenômeno da máquina – com o discurso sobre a possibilidade de transcendência humana.

3 INFORMAÇÃO, ESCRITA E TRANSCENDÊNCIA

Para desenvolver sua tese, Davis argumenta primeiramente que “[...] os seres humanos são ciborgues desde o ano zero” (Davis, 1998, p. 10, tradução nossa) e que, por isso, é o destino

do ser humano viver “[...] em sociedades que inventam ferramentas que moldam a sociedade e os indivíduos nela” (Davis, 1998, p. 10, tradução nossa). Para ele, esse é o caso da informação. Considerando isso, o autor esclarece que as ferramentas não dizem respeito apenas às manuais – como, lanças, facas, machados – mas, também, às culturais, que formam o arcabouço cultural de conceitos e definições que moldam uma cultura – tais como as definições de parentesco, gênero, sexo, remédios, clima, linguagem. Nesse sentido, a “[...] cultura é tecnocultura” (Davis, 1998, p. 10, tradução nossa), já que, tanto as ferramentas manuais como as culturais possuem motivações humanas em sua base, valendo também para as tecnologias. Nas palavras do autor:

Embora possamos pensar na tecnologia como uma ferramenta definida apenas por preocupações pragmáticas e utilitárias, as motivações humanas em matéria de tecnologia raramente são tão diretas. [...] tecnologias são moldadas e constrangidas pela urdidura e trama da cultura, com seus próprios mitos, sonhos, crueldades e fome (Davis, 1998, p. 10 tradução nossa).

Essa interdependência entre tecnologia e cultura é explicada por Davis (1998, p. 15-16, 48) através da antropologia da modernidade de Bruno Latour (1947-2022), apresentada em “Jamais fomos modernos” (2019), que considera que o humano pré-moderno sempre esteve imerso numa teia coletiva que interlaçava matéria e mente, onde natureza e cultura não separavam de modo algum, ou seja, não era dualista. Para Latour, “[...] essa matriz é composta de ‘híbridos’ – ‘coisas falantes’ que são naturais e culturais, reais e imaginadas, sujeito e objeto” (Davis, 1998, p. 10-11, tradução nossa). Entretanto, Davis (1998, p. 15-16, 48, 52) salienta que não pensamos dessa maneira atualmente porque erguemos uma grande barreira conceitual – Latour a chama de “A Grande Divisão” – que separa natureza e cultura, e que tem suas bases no Iluminismo e no pensamento mecanicista de Descartes.

De um lado da Grande Divisão está a natureza, um mundo sem voz e puramente objetivo “lá fora”, cujos mecanismos ocultos são desbloqueados por cavalheiros científicos que usam instrumentos técnicos para amplificar suas percepções. A cultura humana está do outro lado da cerca, “aqui”, um mundo auto-reflexivo de histórias, assuntos e lutas de poder que se desenvolvem livres das limitações míticas da natureza. A Grande Divisão desencanta assim o mundo, entronizando o homem como o único agente ativo do cosmos. Dentro do paradigma da Grande Divisão, a tecnologia é simplesmente uma ferramenta, uma extensão passiva do homem. Não tem autonomia própria; ela simplesmente age sobre, mas não muda o mundo da natureza (Davis, 1998, p. 11, tradução nossa).

Nesse sentido, Davis concorda com Latour (2019) e argumenta que, na modernidade, utilizamos o truque conceitual da Grande Divisão para negar a existência “[...] dos híbridos, aqueles “sujeitos/objetos” que atravessam as fronteiras entre natureza e cultura, agência e matéria-prima” (Davis, 1998, p. 11, tradução nossa), com a finalidade de libertar o Ocidente dos efeitos sistêmicos que a criação e aceitação desses híbridos poderia propagar por toda a sociedade. Entretanto, “[...] ao negar os híbridos, a Europa moderna paradoxalmente acabou

por produzi-los a um ritmo espantoso: novas tecnologias, novas perspectivas científicas e culturais, novos arranjos sociopolíticos e econômicos” (Davis, 1998, p. 11-12, tradução nossa). Negando os híbridos, tentamos sem sucesso parar a mudança cultural e social que eles poderiam proporcionar, tentamos parar de pensar na interconexão entre eles e a sociedade humana, mas falhamos pois eles se multiplicaram, produzindo ambivalência e indefinição.

Cada novo híbrido que entra em cena – bebês de proveta, Prozac, o sequenciamento do genoma humano, estações espaciais, aquecimento global – nos empurra ainda mais para aquela terra de ninguém entre natureza e cultura, uma zona ambígua onde a ciência, a linguagem, e a imaginação social se sobrepõem e se interpenetram (DAVIS, 1998, p. 12, tradução nossa).

Aqui, cabe acrescentar que, de acordo com Davis (1998, p. 23), a criação da escrita foi fundamental para a produção dos híbridos, ou, como diria Bauman (1999), é pela própria tentativa idiomática de ordenar e classificar toda a realidade, a definindo gramaticalmente, que a linguagem multiplica seu oposto, a ambivalência, enquanto aquilo que escapa a definições. Estando a escrita entrelaçada com esse constructo contemporâneo que é a informação, sendo para nós a escrita uma forma da informação e a informação também uma forma de linguagem, considerada sob a perspectiva da teoria de Latour, a própria escrita seria um híbrido e, inclusive, ela proporciona a produção de outros híbridos. O autor (Davis, 1998, p. 23) ressalta que escrever é uma máquina, pois a escrita necessita de um alfabeto, símbolos ou imagens criados artificialmente e que servem para codificar uma mensagem que poderá ser registrada e transmitida.

É através da percepção e visibilidade dos símbolos escritos que os dados e significados de uma mensagem podem ser captados através da razão, sendo assim, entendidos e transmitidos. “Colocados em foco por olhos devidamente educados, glifos artificiais rabiscados na superfície de objetos saltam espontaneamente para a mente, trazendo consigo sons, significados e dados” (Davis, 1998, p. 23, tradução nossa). Assim, mesmo que historicamente se considere os pictogramas presentes nos templos da Mesopotâmia como a primeira escrita verdadeira, para o autor (1998, p. 25), produzimos informação desde sempre, desde que os humanos começaram a gravar as fases da lua em ossos para codificar e registrar os dados desse fenômeno, afinal “[...] eles também representam a crescente capacidade de abstrair, simbolizar e dissecar o fluxo do mundo. Esses ossos lunares podem ser nossa primeira tecnologia da informação” (Davis, 1998, p. 25, tradução nossa).

Dessa forma, podemos dizer que, segundo Davis (1998, p. 27), foi a partir da escrita e do domínio do alfabeto que os humanos puderam entender melhor o mundo e separar seus pensamentos da realidade material do mundo, inclusive buscando separar as relações de causa

e efeito. Tal fato faz com que Davis nos lembre da importância da escrita em Platão (2005), bem como de sua teoria das formas, a qual influenciou o racionalismo e a religião ocidentais. Foi o letramento de Platão que proporcionou a separação entre o plano material e mental, transformando posteriormente este segundo em palavras e informações.

4 TEORIA DA INFORMAÇÃO E ONTOLOGIA INFORMACIONAL

A fim de defender a ideia de que foi o letramento de Platão que possibilitou a separação do plano mental e do plano material, Davis parte do pensamento de Eric A. Havelock (1930-1988), estudioso de Platão, que defendeu “[...] que as formas platônicas foram concebidas como analogias às formas visíveis, não apenas as formas perfeitas da geometria, mas as formas visíveis do alfabeto” (Davis, 1998, p. 26, tradução nossa), já que o termo ideia (em grego antigo *idea*), através de sua raiz etimológica (*eidos*), também pode ter uma conotação visual, significando vídeo. Consequentemente, podemos compreender as letras da mesma forma como compreendemos as ideias platônicas, como formas eternas e imutáveis que mantêm seu sentido perfeito acima de sua corporificação. As letras, assim como as ideias transcendem às coisas do mundo, não estão sujeitas às mudanças como ocorrem com as coisas materiais. O mesmo se poderia dizer da mente, já que, para Platão, ela também é independente do corpo material para produzir pensamentos e, consequentemente, conhecimento sobre o mundo.

Para Platão, a introspecção letrada pode ter catalisado algo muito mais místico: a crença revolucionária de que um espírito incorpóreo espreita dentro do eu e que essa centelha imortal de inteligência é independente do corpo que fala e respira. [...] Assim como as letras e as palavras escritas mantêm suas verdades acima do mundo fugaz da carne e, até mesmo, mantêm vivas as palavras de um homem morto, os leitores podem suspeitar que suas próprias mentes litigiosas pertencem a um reino igualmente atemporal de essências transcendentais (Davis, 1998, p. 27-28, tradução nossa).

Davis tentou demonstrar, através desse recorte explicativo de Havelock sobre a teoria platônica que trata da linguagem, que a informação se manteve associada ao transcendente tais quais as palavras e a mente. E, como também apontado e apoiado pela teoria de Latour, que a informação, sendo um híbrido, ocupa o lugar de objeto que possui agência ao exercer influência cultural e na organização das sociedades. Entretanto, a associação da informação com o aspecto transcendente não explica sua funcionalidade, tampouco seu caráter híbrido; apesar de falar sobre sua agência, não explica como ela ocorre.

Por isso, é preciso lembrar que somente na contemporaneidade, em 1940, com o aprimoramento da análise teórica de mensagens e da comunicação, de autoria de Claude Shannon (1916-2001), é que se pode anunciar o nascimento da teoria da informação. Nela,

buscava-se explicar como a transmissão de uma mensagem ocorreria, bem como explicitava que a informação poderia estar presente em todos os lugares, fazendo com que ela se transformasse: “[...] o que antes era apenas uma categoria de conhecimento começou a se transformar em uma nova unidade da própria realidade, que tomou seu lugar ao lado da matéria e da energia como um dos blocos de construção fundamentais do cosmos” (Davis, 1998, p. 81, tradução nossa).

Para Shannon, a informação é gerada quando uma mensagem é passada de um emissor para um receptor por um canal de comunicação, não importando se essa mensagem é uma conversa entre dois amigos ou uma replicação do código genético. Para que a mensagem obtenha sucesso, ela deve resistir aos “ruídos”, ou seja, “[...] às flutuações fortuitas, interferência e erros de transmissão que inevitavelmente degradam os sinais à medida que avançam por um mundo análogo e cheio de erros” (Davis, 1998, p. 82, tradução nossa). Mas, para resolver esse problema, Davis nos lembra do segundo teorema proposto por Shannon, no qual ele afirma “[...] que qualquer mensagem pode ser codificada de tal forma que pode ter a garantia de sobreviver à sua jornada através do vale do ruído” (Davis, 1998, p. 82, tradução nossa).

Para mostrar que a transmissão da mensagem é tecnicamente possível, Shannon apresenta duas limitações implicadas no processo e que deveriam ser pensadas. A primeira diz respeito ao cálculo da capacidade de transporte do canal, isto é, o tamanho da banda por onde a mensagem seria transportada. A segunda se refere ao sistema de correções de erros, de modo que o receptor pudesse ter certeza de que a mensagem que estava recebendo seria a correta, ou seja, através de um mecanismo de redundância ou repetição da mensagem se garante que ela prevaleça, mesmo sob a investida dos ruídos. As duas limitações são interdependentes, tendo em vista que “[...] a integridade das mensagens pode ser mantida traduzindo-as em códigos digitais de vários graus de complexidade, redundância e precisão que diminui a largura de banda” (Davis, 1998, p. 83, tradução nossa).

Ainda cabe esclarecer que, para ser informação, a mensagem deve ter um conteúdo novo e que gere uma incerteza do receptor. Em termos linguísticos, essa mensagem deve ser previsível para o receptor, deve conter redundâncias e regras sintáticas familiares, de modo que a estrutura facilite a compreensão do que está sendo transmitido. “Comunicar informações não é simplesmente uma questão de enfiar dados em um envelope e enviá-los; a informação também é algo construído pelo receptor” (Davis, 1998, p. 84-85, tradução nossa). Isso significa que, para que a informação seja transmitida correta e completamente, ela dependerá tanto de seu

emissor e de seu conteúdo quanto do preparo do receptor para recebê-la e analisá-la, ou seja, ela dependerá da objetividade da mensagem e da subjetividade do receptor.

Como a equação proposta por Shannon para definir a informação é igual à equação da entropia de Ludwig Boltzman (1844-1906), Davis (1998, p. 98) afirma que a teoria da informação de Shannon ficou conhecida por medir os ruídos, ou seja, por medir a desorganização e a aleatoriedade na transmissão da informação. No entanto, contrária à proposta de Shannon, foi a proposta de Norbert Wiener (1894-1964) – na qual a informação é, na verdade, uma medida de organização que mede o padrão, a forma e a coerência – que transformou a informação em algo confiável. Segundo Davis (1998, p. 87), Wiener acreditava que a informação era confiável a ponto desse poder de geração de organização ser equivalente ao que se poderia chamar de Deus. “Tanto na imaginação popular quanto na tecnocrática, a informação e suas tecnologias começaram a assumir um caráter quase redentor à medida que lutavam contra o ruído e o erro” (Davis, 1998, p. 86, tradução nossa).

Assim, podemos dizer que o conceito de informação possui papel preponderante na estruturação social e tecnológica atual, principalmente porque a tecnologia atual não se trata apenas de máquinas, no sentido industrial, mas de códigos, transmissão de significados e organização do conhecimento humano. Nesse sentido, as tecnologias de informação são coisas criadas, mecanismos materiais construídos para transmissão de dados e, por isso, são também híbridos tecnoculturais que tem capacidade de modificar a realidade social e cultural com seus significados. “Mais do que qualquer outra invenção, a tecnologia da informação transcende seu status de coisa, simplesmente porque permite a codificação e transmissão incorpórea da mente e do significado” (Davis, 1998, p. 04, tradução nossa). Codificação, essa, necessária para transformar o orgânico em informação.

5 INFORMACIONALISMO COMO IMAGEM DE MUNDO

Nesse contexto, o alçar da informação ao papel de imagem de mundo de nossa época ajudou a ressignificar o mito da máquina e os mitos herméticos, os transfigurando em mitos informacionais. Em outras palavras, *o imperativo da informação* substituiu o imperativo da matéria, no qual a informação seria o conceito dominante para a consumação do processo tecnológico, isto é, a consumação se daria através da transformação do não-informacional em informação. “Foi só no século XX que a informação se tornou uma coisa em si” (Davis, 1998, p. 81, tradução nossa). A informação entrou naquele espaço existente entre a mente e a matéria, transformando a matéria em algo que não pode ser transcendente, mas que guia para a mesma.

Desse modo, a integridade ontológica da matéria já não seria mais sustentável, pois foi através de sua manipulação informacional que se introduziram diversas transformações no mundo natural, criando o artificial.

Nos termos mais simples do dia-a-dia, “informação” sugere um pedaço prático de experiência reificada, uma unidade de sentido alojada na hierarquia de conhecimento em algum lugar entre dados e relatórios. Embora seja um elemento essencialmente incorpóreo e "mental", a informação, no entanto, parece derivar do mundo físico externo, fortemente ligada a materiais mundanos como papel de jornal ou um termômetro ou ondas sonoras emergindo da boca de um arauto. A informação surge na lacuna da centelha entre a mente e a matéria (Davis, 1998, p.81, tradução nossa).

Assim, para Davis (1998, p. 06), a *TechGnosis*, como gosta de denominar, só se tornou possível com o desenvolvimento das tecnologias informacionais e o seu entrelaçamento com as redes digitais e de telecomunicações, pois, segundo ele, foram essas tecnologias que proporcionaram a mudança no “eu” do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade e cultura. A criação de tecnologias híbridas proporciona, portanto, a queda do muro existente entre o material e o imaterial, além de possibilitar mudanças no modo de ver o mundo e a natureza. “A tecnologia da informação ajusta nossas percepções, comunica nossa imagem do mundo uns aos outros e constrói formas notáveis e às vezes insidiosas de controle sobre as histórias culturais que moldam nossa percepção do mundo” (Davis, 1998, p. 04, tradução nossa). A teoria da informação tornou-se, dessa forma, um novo modo de se pensar e esclarecer o mundo já conhecido. Ela invadiu o pensamento humanista, os problemas de comunicação e aprendizagem, de pensamento e comportamento social. Através de sua linguagem objetiva, utilitária e computacional, ela se tornou a mais nova forma de dominar eficientemente a natureza e a subjetividade humana.

Podemos dizer, enfim, que a informação definiu os rumos tomados pela sociedade contemporânea e seu desenvolvimento tecnológico. Não somente isso, ela definiu o modo de ser e fazer humanos, pois é através dela que é possível construir o conhecimento científico e tecnológico que permite ao ser humano vencer os limites impostos pela natureza e pelo corporal, visando sua transcendência, além de possibilitar o controle cultural, político e econômico. Tal como a invenção de relógios e motores e a descoberta da eletricidade foram significativos para a concretização do mecanicismo como imagem de mundo, o desenvolvimento das tecnologias da informação foram decisivos para o informacionalismo se tornar a imagem de nossa época, moldando nossas experiências no mundo:

A coleta de informações define a civilização tanto quanto a coleta de alimentos define as culturas nômades que precederam o surgimento de comunidades urbanas, excedentes agrícolas e hierarquias sociais estratificadas. Desde o momento em que o primeiro escriba pegou uma cana e rabiscou um banco de dados na argila fria da Suméria, o fluxo de informações tem sido um instrumento de poder e controle

humanos - tanto religioso quanto econômico e político (Davis, 1998, p. 81, tradução nossa).

Claro que se poderia inferir que, assim como para Davis (1998, p. 81), a informação definiu o que é a sociedade contemporânea, outras tecnologias poderiam ter essa mesma finalidade a partir de outras interpretações da sociedade. Seria possível dizer isso da eletricidade, do motor à combustão e da nova agricultura que utiliza técnicas e maquinários modernos. Entretanto, Davis (1998, p. 81) entende que mesmo essas tecnologias dependem da formulação e sistematização da informação, havendo, assim, uma reconfiguração da imagem de mundo que era determinada pela máquina, mas que passou a ser determinada pela informação. É importante esclarecer que, para o autor, a informação sempre foi usada, mesmo na época em que o foco estava nas máquinas, o que resultou em uma mudança no modo como a informação passou a ser percebida e entendida. Houve, portanto, uma mudança de foco, do material para o informacional e, principalmente, uma mudança de sentido, na qual a informação passou a ser determinante para a produção tecnológica e científica, para as relações humanas e sociais, para a política e cultura.

Assim, segundo Davis, a inferência de que outras tecnologias poderiam representar a definição de sociedade contemporânea é errônea, já que, por meio do informacionalismo, é possível mapear fenômenos culturais que transfiguraram o sentido dos mitos gnósticos para tech-gnósticos. Em outras palavras, nossa época pensa em termos de virtualização de relações, nossa ciência incorpora a informação como ideia fundamental, nossos relacionamentos acontecem por meio de informações. Logo, nossos mitos também são informacionais. Davis exemplifica essa transfiguração dos mitos através de movimentos culturais⁶, como o movimento hippie da década de 70, o extropianismo, a comunidade de jogadores de RPG de mesa, a comunidade de jogadores de videogame e computador, o conjunto de pessoas que acreditavam em naves alienígenas, entre outros, entendidos por ele como fundamentos culturais que convergem com o informacionalismo.

6 MITO-INFORMAÇÃO E NETAFÍSICA

Ao examinar o surgimento da chamada era da informação, definida por Davis como uma era da mito-informação (Davis, 1998, p.81), o autor enfatiza que apenas nesse momento histórico a informação passa a adquirir estatuto ontológico, tornando-se algo efetivamente

⁶ Aqui não iremos expor esses eventos e movimentos culturais para não nos estender demais, mesmo considerando ser interessante visualizar o entrelaçamento do imaginário coletivo e esses eventos, para evidenciar a tese da informação como imagem de mundo.

concebido como “coisa”. Nesse contexto, ele afirma que “se a eletricidade foi a alma da era moderna, a informação é seu espírito” (Davis, 1998, p.81, tradução nossa). Trata-se, contudo, de uma entidade desmaterializada e expansiva, cuja natureza imprecisa e difusa dificulta qualquer tentativa rigorosa de delimitação, aproximando-a de concepções quase incorpóreas e de ressonância mística.

Esse cenário inaugura um novo modo de pensar, denominado por Davis de paradigma da informação, que passa a atravessar e reorganizar os discursos científicos. A circulação de informações assume, assim, um papel explicativo central, servindo como chave interpretativa para uma ampla gama de fenômenos. Um exemplo paradigmático é o DNA, por meio do qual a vida passa a ser compreendida como código, isto é, como informação armazenada, transmitida e passível de leitura. Segundo Davis, o sucesso dessa abordagem nas ciências biológicas só foi possível porque heranças religiosas profundamente enraizadas já haviam moldado nossa compreensão do mundo como algo “produzido” por um criador transcendental e, portanto, “escrito” segundo uma linguagem divina. Nesse sentido, o DNA ocupa, no imaginário contemporâneo, uma função análoga àquela desempenhada pela alma no cristianismo (Davis, 1998, p.87-88). O alcance do paradigma do mito-informação, entretanto, não se limita ao campo da genética, estendendo-se também às neurociências. Influenciadas pela cibernética, estas passaram a conceber a mente como um conjunto de fluxos informacionais, recuperando, sob uma roupagem secularizada, imagens gnósticas de um espírito transcendente e de um eu desmaterializado (Davis, 1998, p.90).

Na parte final de sua análise, Davis destaca a emergência da rede como estrutura mítica fundamental da contemporaneidade. O arquétipo da rede adquire uma presença quase onipresente, infiltrando-se tanto nas ciências quanto nas metáforas utilizadas para explicar fenômenos sociais, naturais e culturais. A realidade passa a ser concebida como um sistema integralmente conectado, no qual todos os elementos se articulam em um conjunto holista. A força simbólica dessa metáfora decorre do fato de ela emergir em um contexto de transformações profundas, marcado por níveis crescentes de interconectividade e pela dissolução de centros únicos e estáveis de poder (Davis, 1998, p.326).

Nesse sentido, a tecnologia informacional sugere menos a imagem ordenada de uma biblioteca do que a de uma selva intrincada, na qual a navegação ocorre mais por intuição do que por procedimentos estritamente racionais. O percurso proposto pela lógica da rede não aponta para o estabelecimento de uma nova metafísica, mas para aquilo que Davis denomina netafísica (Davis, 1998, p.332), caracterizada pela articulação entre imaginação e lógica e por uma renovada forma de interação entre ciência e imaginário. Essa perspectiva, contudo, não

promete redenção nem acesso a um saber totalizante, em contrário, “netafísicos não podem esperar algo como a salvação ou o conhecimento final de sua enciclopédia ‘sobremental’, porque fazer isso é cometer o mesmo erro que fomos rastreando durante esse livro: tomar as possibilidades tecnológicas como possibilidade sociais ou espirituais” (Davis, 1998, p.333, tradução nossa).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscamos mostrar que a noção de *techgnosis*, tal como formulada por Erik Davis, permite compreender a informação não apenas como um recurso tecnológico ou linguagem, mas como a imagem de mundo dominante da contemporaneidade. Em nossa época, o informacionalismo assume um papel análogo ao que o mecanicismo desempenhou na modernidade, funcionando como horizonte ontológico e simbólico a partir do qual a realidade é pensada, organizada e experienciada. A informação passa a ocupar o lugar intermediário entre mente e matéria, reconfigurando antigas estruturas dualistas sob uma linguagem tecnológica e secularizada, ao mesmo tempo em que preserva traços centrais de tradições gnósticas e herméticas. A *techgnosis*, assim, não designa uma ruptura radical com o passado, mas a atualização de impulsos místicos e metafísicos que atravessam a história do pensamento ocidental e que, na era das tecnologias informacionais, encontram novas formas de expressão. Para Davis, a informação se tornou o princípio organizador de nossas concepções de sujeito, corpo, conhecimento e mundo, consolidando-se como a imagem de mundo que estrutura o imaginário cultural, científico e tecnológico de nosso tempo.

Em Foucault, a noção de episteme visa evidenciar uma condição histórica mais profunda que estrutura os modos de ver, pensar e dizer próprios de um período histórico (Foucault, 2008). Na episteme moderna, por exemplo, o conhecimento passa a se organizar segundo princípios de ordenação, classificação e representação que pressupõem a objetivação do mundo e a separação entre sujeito cognoscente e objeto conhecido, consolidando uma racionalidade que tende a compreender os fenômenos naturais, biológicos e sociais segundo esquemas causais e funcionais (Foucault, 1999), o que podemos referir de maneira direta ao que chamamos aqui de mecanicismo. A partir da reflexão de Davis, podemos dizer que tal episteme moderna não desaparece, mas é reconfigurada. Para Davis, o informacionalismo instaura uma nova episteme, na qual a informação ocupa o lugar que antes pertencia à matéria e ao mecanismo, reorganizando os regimes de verdade, os discursos científicos e as formas de subjetivação. É dessa forma que a lógica mecanicista é deslocada e ressignificada por uma racionalidade

informacional, que passa a estruturar a compreensão da realidade por meio de fluxos, códigos e redes, sem abandonar, contudo, os traços dualistas herdados da modernidade.

De forma semelhante, Davis dá continuidade à reflexão de Mumford (2006), para quem a máquina não deve ser entendida apenas como um artefato técnico, mas como o núcleo de uma narrativa civilizatória que organiza valores, crenças e formas de vida na modernidade industrial. O mito da máquina expressava uma imagem de mundo fundada na eficiência, no controle, na padronização e na submissão do humano a sistemas técnicos cada vez mais complexos. Esse mito produziu um imaginário tecnológico (Felinto, 2005) necessário para legitimar a exploração da natureza e a racionalização da vida social. Davis retoma criticamente esse diagnóstico, mas propõe que, na contemporaneidade, o mito da máquina não foi superado, mas transformado. O mito da informação herda da máquina sua pretensão totalizante, mas desloca seu eixo simbólico da materialidade para a imaterialidade, do mecanismo para o código, do motor para a rede. Nesse novo mito, as promessas de futuro, antes associadas à indústria, passam a ser vinculadas à circulação de informações, à virtualização do corpo e à transcendência da matéria. Assim como o mito da máquina sustentou o imaginário tecnológico da modernidade industrial, o mito da informação sustenta o imaginário tecnológico da era digital, funcionando como nova imagem de mundo capaz de reorganizar crenças, desejos e expectativas em torno da tecnologia.

Por fim, destacamos que a teorização de Davis contribui para explicitar o papel da tecnologia e da informação para a compreensão de como percebemos, vivenciamos e construímos o mundo, bem como somos construídos por ela. E além disso, a teorização de Davis contribui para o entendimento de como a informação passou a ser pensada como elemento que constitui e é constituinte não apenas da prática tecnológica, mas também da vida cotidiana, como uma partícula elementar que fomenta e sustenta toda a realidade, determinando e mantendo através do seu aspecto mental e transcendente a dicotomia metafísica platônico-cartesiana, num modelo dualista segundo o qual realidade, conhecimento e sujeito são compreendidos a partir de uma cisão entre espírito e matéria, mente e corpo, inteligível e sensível, interior e exterior.

Tanto a tecnologia quanto a informação não são apenas frutos da racionalidade eficiente que fundamenta o mecanismo, mas são também frutos da ideia de transcendência presente na antiga gnose, daquilo que possibilitou a transformação e reconfiguração do modo de pensar e manipular a realidade, seja ontologicamente, seja epistemologicamente. Se a antiga gnose era “[...] a imanentização do princípio divino, ou seja, a transposição da ideia de divindade para o interior do sujeito e do horizonte das experiências humanas” (Felinto, 2005, p. 37), a nova gnose

informacional é a transposição da ideia de informação para o interior do sujeito, para as experiências humanas e para a natureza. Sustentar a realidade através da informação torna possível a criação e a recriação de conhecimentos e de objetos, promovendo a ideia de um corpo manipulável pela mente, de uma natureza reduzida a dados, recriando o imanente para levá-lo ao transcendente.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Andoni. ARZOZ, Iñaki. **La nueva ciudad de Dios**. 1. ed. Madrid: Ediciones Siruela, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6. ed. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; Vol. 1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DAVIS, Erik. **Techgnosis: myth, magic and mysticism in the age of information**. 2nd ed. New York: Harmony Books, 1998.
- FELINTO, Erick. **A religião das máquinas: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **A época das imagens de mundo**. Tradução: DRUCKER, Cláudia. Disponível em: http://imagomundi.com.br/filo/heidegger_imagens.pdf (acessado em 7 de dezembro de 2022).
- JAPIASSÚ, Hilton. **A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional**. 1. ed. São Paulo: Letras & Letras, 1996.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: Ensaio de antropologia simétrica**. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- MUMFORD, Lewis. **Técnica y Civilización**. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- NOBLE, David F.. **The Religion of Technology: The Divinity of Man and the Spirit of Invention**. 1^a ed. New York: Alfred A. Knopf, 1997.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. 1^a ed. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PLATÃO, **A República**. 9. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- YATES, Frances A. **The Art of Memory**. 1st ed. Chicago: University of Chicago Press, 1966.